DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

"CAMPEÃO,,—AVEIRO

Ano 68.º—Numero 6:631—Sabado, 12 de abril de 1919

Campeão das Provincias

Decano dos jornais portuguezes

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 2$60 Numero do dia, 5 centavos; atrazado, 6 centavos. Africa, 3$50. Brazil, França e Inglaterra, 4$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 10 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina 18 centavos por linha singela; na 2.ª, 15; na 3.ª e 4.ª, 7.
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 25 % nos anuncios e 10 % nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

Uma revolução em um país em guerra só pode ser contra a guerra!

"Clemanceau,,

Com ideia na maneira de melhor comemorarmos, por nossa parte, éssa dáta gloriosamente tragica de 9 de abril de 1917, recorremos aos numeros deste jornal, o *Campeão das Provincias*, em que existe flagrante a parte ativa que ele tomou na propaganda pela intervenção de Portugal na grande guerra ao lado dos Aliados, e na defesa das instituições republicanas.

E, ao acaso, por que muitos foram os numeros que antes da nossa efectiva cooperação como nação publicámos, e numerosos foram tambem aqueles em que manifestámos todo o fervor patriotico pelo regresso ás normas de um povo ciôso do respeito ao seu estatuto juridico, deparou-se-nos um em que vivem conjugadas as duas propagandas numa execração clara atirada ás faces dos **autoses do maior crime politico dos tempos da Republica.**

Êsse numero é o de 5 de outubro de 1918, e as palavras com que hoje abrimos esta secção *en-tête*, são as mesmas com que então abriramos a exprobação aos atentados perpetrados pelos *dominadores da época*.

Já lá vai algum tempo; a *mise en scêne* mudou, como devia mudar.

Era da historia, e da historia foi e é. Milhares de vezes daqui o dissemos, por vezes talvez numa linguagem violenta, mas **sã**.

Esturgia-nos então nas veias o sangue môço dos indignados.

Eram avisos que lançavamos *aos quatro ventos*, avisos que por muitos foram tomados como de *loucos... de loucos* que tinham então o condão de prever bem o futuro; e o futuro era o *final* botado aos déspotas, desde o tempo de Julio Cesar, Carlos I de Inglaterra, Napoleão I, Napoleon le petit (Napoleão III) e Carlos I de Portugal, até ao de aquele a quem crismaramos de *Cromwel de via reduzida e do Carnaval da ditadura vestida de Republica.*

Para relembrar éssa luta em que estavemos empenhados, recorremos ás paginas por todos os titulos gloriósas deste jornal; para comemorar a data do inolvidavel 9 de abril de 1917, recorrêmos ás palavras justas do grande ministro da França e salvador da liberdade dos povos, mr. Clemanceau.

Mas o *Campeão* quer ainda cumprir mais um tambem grande dever: depôr uma lagrima sôbre o tumulo dos que pela Patria morreram; e saudar os combatentes e prisioneiros de 9 de abril de 1917 como o tenente-coronel Craveiro Lopes, o dr. Francisco Soares, e o tenente Tavares de infantaria, belos ornamentos do nosso exercito, aqueles que muito sofreram durante o seu longo cativeiro na Alemanha, e que passaram o 9 de abril de 1919 a dentro dos muros desta hospitaleira cidade de Aveiro, junto dos afectos da familia, que os adóra.

Salve aos combatentes do 9 de abril de 1917!
Salve á politica alevantada da Republica-portuguêsa!

O que foi o 9 de abril para o exercito de Portugal na Flandres

O *Campeão das Provincias*, saudando o valoroso exercito portuguez na pessôa dos heroicos combatentes junto dos aliados, transcreve com a emoção com que o fez pela primeira vez, a justa apreciação que lhes fôra feita pela imprensa estrangeira.

Os feitos portuguêses apreciados claramente pela imprensa estrangeira

Junto dos nossos aliados—As tropas de Portugal—Quatro brigadas heroicas—Os artilheiros lutaram á baionêta

(Trad. do jornal francês «Le Telegramme».)

A' hora em que a situação militar parece restabelecida na Flandres com vantagem para os Aliados, seja-nos permitido prestar homenagem ás valentes tropas que receberam o primeiro chóque, ás quatro brigadas portuguezas que, chefes e soldados, se mostraram dignos camaradas dos britanicos e dos francêses que deviam em seguida suster o chóque da terrivel avalanche alemã.

O nosso valente aliado, não obstante o esforço empregado em Africa contra as colonias alemãs, esforço que tem custado a esse paiz tantos sacrificios como nos campos de batalha da Flandres, —persiste em continuar a lutar ao nosso lado e em ligar o seu destino ao dos Aliados.

A noticia da batalha da Flandres e a parte que os portuguezes tomaram nessa rude próva, causaram em Portugal uma profunda emoção e ergueram todo o paiz contra a Alemanha que desenvolveu contra o pequeno, mas valente exercito portuguez, os mesmos processos barbaros que levaram a Alemanha ao «Index» de todas as nações civilisadas.

Uma carta de Lisboa comunica-nos que nessa cidade regimentos inteiros se ofereceram para serem os primeiros a partir para o campo de batalha da Flandres para vingar os seus compatriotas.

Hoje, mais do que nunca, toda a nação portugueza reclama do governo uma participação ainda mais activa no *front*.

Nunca se dirá de mais sobre a bela conduta das tropas portuguezas no comêço da grande batalha que se desenróla no norte da França.

Na verdade, os portuguezes encontravam-se nas trincheiras, tres brigadas na primeira linha e uma outra no segunda linha, de Lavantie para Richebourg, quando este sector foi atacado pelos alemães; as outras brigadas que ocupavam as trincheiras ha perto de um ano, acabavam de sêr enviádas para o repouso de algumas semanas.

Na manhã de 9, os alemães lançaram para a frente das **tres brigadas portuguezas quatro das melhores das suas divisões de assalto**, chegadas de fresco ao *front*, tendo feito preceder os seus ataques **da uma formidavel preparação de artilharia**, mais violenta ainda, segundo os praticos, que a que precedeu a batalha do Somme. Mais de **30:000 obuzes de gaz** tornáram a atmosfera do campo de batalha absolutamente irrespiravel.

O bombardeamento começou pelas 4 horas da manhã, e, ás 7 horas as primeiras vagas de assalto desencadearam-se.

As tropas não cederam as suas trincheiras senão depois de loucos e selvagens combates corpo a corpo, em que a baionêta desempenhou o principal papel.

Sabe-se que as linhas portuguezas não foram furadas no principio da batalha, e que o inimigo as atacou de flanco, pela direita e pela esquerda, para as fazer ceder. A melhor prova de que os alemães esperavam uma forte resistencia da parte das nossas tropas, é dáda pela violencia do fogo de artilharia, que precedeu o ataque.

Seria imensamente longo reportar aqui, em todos os seus detalhes, os multiplos actos de heroismo dos portuguezes. Certos batalhões bateram-se até ao momento em que já não tinham nem oficiais nem munições.

O batalhão de infantaria 2, aquartelado em Lisboa, voltou á retaguarda disimado; não restavam mais do que alguns soldados; todos os oficiais tinham caido mortos, e dentre eles destacou-se o joven capitão **Americo Olavo**, deputado da Camara de Lisboa, **que lutou como um heroi** á frente da sua companhia.

Como consta, as perdas inimigas foram muito severas. Sabe-se hoje que a primeira divisão de assalto, nomeadamente uma divisão bávára, foi **completamente aniquilada.**

Outros batalhões se portaram egualmente de uma maneira admiravel; o batalhão de infantaria 17, aquartelado em Beja, que, como o do 2, perdeu todos os seus oficiais, com as suas metralhadoras fez estragos formidaveis nas fileiras inimigas; do 15, aquartelado em Tomar, já a imprensa relatou as façanhas; o 13, aquartelado em Vila-real, é egualmente um dos brávos batalhões que se distinguiram no compo da batalha.

Na verdade os batalhões **fizeram-se massacrar para barrar** o caminho ao inimigo, e é preciso fazer-lhes a justiça de que o seu heroismo **foi explendidamente bélo.**

Depois de ter sido gravemente ferido, o comandante do batalhão de infantaria 13 matou, com uma carabina, o seu agressor e tres ou quatro soldados; em seguida **sucumbiu num corpo a corpo terrivel;** as companhias deste batalhão que estava em Conture e cuja bravura o *Times* já assinalou—combatiam ainda ás 3 horas da tarde do primeiro dia de batalha.

Não tendo já munições, o comandante do batalhão de infantaria 2, capitão Roma, **depois de ter feito uma exortação** aos seus homens, **fê-los carregar á baionêta.** Como leões eles partiram e abriram grandes bréchas nas fileiras inimigas; deste bravo batalhão só voltaram á retaguarda dois oficiais: o primeiro, um capitão que se encontrava com os seus soldados numa outra posição, juntou-se ás tropas escocêsas e **ainda se bateu,** com o que lhe restava de homens, **durante dois dias e duas noites;** o segundo, um bravo tenente que um alemão errou a dois passos fez pagar cáro ao inimigo a sua temeridade.

A artilharia portugueza, cujos serviços já foram relatados por alguns jornais—**exterminou com o seu fôgo** as companhias inimigas. Está absolutamente averiguado que certos canhões atiravam ainda, depois que as primeira e segunda vagas de assalto inimigos tinham ja transposto as primeiras linhas.

A resistencia das tropas portuguezas foi tal, que o inimigo, raivôso, não fez prisioneiros, vingando-se sôbre os feridos, particularmente sobre os artilheiros que, em certos momentos, defenderam as suas peças a tiros de caravina e a golpes de baioneta.

Naquele dia os alemães experimentaram o valor da peça de 75, franceza, de que os portuguezes fazem uzo.

. . . . . .

A seguir o mesmo jornal do norte da França, *Le Télégramme*, transcreve passagens de outros jornais francezes sôbre o numerode tropas com que Portugal contribuiu para a conflagração europeia, *transcrições que não reproduzimos atendendo a que nessa é que a censura se devia exercêr caso as fizéssemos.*

Que nós não sabemos a razão porque se permite ás autoridades portuguezas fornecerem dados daqueles ao estrangeiro para que os exponha na sua imprensa, e á imprensa portugueza se proíbam inclusivamente simples resenhas dos feitos heroicos que só honram, encorajam e enchem de patriotismo todos os bons portuguezes?!...

Atualidades

Academia de Coimbra

A Academia republicana de Coimbra já respondeu, em manifesto dirigido ao paiz e áquela cidade, profusamente espalhado por toda a parte, ao anterior escrito dos estudantes monarquicos que ali defendem a ação dos lentes suspensos.

Desse interessante documento, que está muito bem escrito e tem feito impressão em todos os centros politicos, transcrevemos os seguintes periodos na impossibilidade de o fazermos na integra:

«Ao acaso:—O que fez a Universidade de Coimbra durante a guerra europeia, capaz de revelar o seu sentimento patriotico? Lembrou-se—era natural—de provar que os pequenos povos, como o nosso, só podem viver no culto do Direito e na pratica da Justiça?

Disse nos a Universidade—era o seu dever moral—que o triunfo dos principios juridicos germanicos seria, em qualquer hipotese, a nossa perda da nacional ou a nossa escravidão politica?

Que palavras teve a Universidade de Coimbra para contrariar o imperialismo brutal da Alemanha, ou para condenar a revoltante violação da neutralidade belga?

Demonstrou a Universidade de Coimbra perante a Historia, a Moral e o Direito, que raça latina é tão vigorosa e progressiva como a raça germanica, ou que o espirito da mesma raça latina é superior ao materialismo despotico dos povos germanicos?

Que palavras de crença e esperança vieram da Universidade de Coimbra, no periodo doloroso e tragico por que passou a nacionalidade, para neutralisar a campanha odiosa contra o que se chamava felinamente «a empresa da guerra?»

. . . . . .

Que palavras tiveram os professores afastados, de protesto, contra a mascarada do Norte? E' que eles só esperavam ocasião propicia para se manifestar, voltar aos tempos aureos de porta-bandeira e cadeira na camara dos deputados.

. . . . . .

Dizemo-lo bem alto:—Não temos odio aos mestres, mas queremos professores que saibam honrar e defender a Republica, para que duma vez para sempre acabem as revoluções em Portugal e possamos trabalhar e progredir. Para isso carecemos duma Universidade que de cara levantada conduza ao apogeu o ideal da Democracia.

Viva a Patria! Viva a Republica!

Pela academia republicana, a comissão, Manuel da Silva Ramos, bacharel em letras e 6.º ano de direito; A. A. Capela e Silva, 5.º ano de direito; José Rodrigues da Costa, 5.º ano de direito; Vergilio Ferreira da Silva, 4.º ano de medicina.»

Almoço de homenagem

Ao ilustre oficial major Maia Magalhães, um dos convidados a sobraçar a pasta da guerra para a formação do novo ministerio, que atualmente com muita proficiencia e confiança republicana gére os negocios publicos,—foi ha dias oferecido um almôço de homenagem ao justo valor em que são tidos os seus serviços á Republica e á provada proficiencia desenvolvida nos serviços do estado-maior, comparecendo a prestar-lhe a sua adesão os representantes do sr. Canto e Castro e do presidente do ministerio, e os ministros da justiça, dr. Antonio Granjo, finanças, dr. Ramada Curto, marinha e colonias, bem como os vultos mais eminentes nos partidos politicos da Republica.

Congratulando-nos com homenagem, daqui dirigimos ao valorôso oficial as saudações mais entusiasticas.

Distinções

Foi nomeado ministro de Portugal em Espanha o sr. dr. Francisco Manuel Conceiro da Costa Junior, ministro de Estado honorario e nosso ilustre patricio.

O antigo ministro sr. dr. Egas Moniz, ha pouco regressado da França, foi na sua passagem por Madrid distinguido pelo rei Afonso XIII com as insignias da grancruz de Isabel, a Catolia.

Sob proposta do sr. ministro da guerra, foi louvado pelos valiosos serviços prestados durante as recentes operações contra os revoltosos do norte, todo o pessoal dos caminhos de ferro do Estado e das companhias portugueza, Beira-alta e nacional, que coadjuvou com a maior dedicação o serviço militar, especialisando o pessoal graduado e braçal das estações de Santa Apolonia, Entroncamento, Coimbra, Aveiro e Gaia.

Efetuaram-se mais de 400 comboios extraordinarios, com tropa, em percursos nunca inferiores a 200:000 quilometros, na sua totalidade!

Em portaria do ministerio do interior, que o *Diario* de sabado publicou, foram tambem conferidos louvores ao cidadão Antonio Henriques Maximo Junior, pelos devotados serviços prestados á Republica como comissario de policia e administrador do concelho de Aveiro, cargo que assumiu em 20 de janeiro ultimo, logo após a tentativa de restauração monarquica no Porto e que tem servido e honrado com uma dedicação sem limites.

O Estado e a Egreja

A Egreja vai prestar á França republicana uma homenagem

que ela se prepára para receber com emoção.

Trata-se, nada mênos, do que da canonisação de Joana d'Arc, que já beatificára.

Foi a «Sagrada-congregação dos ritos» que, em reunião proxima, o ponderou.

A exigencia maxima imposta pela Egreja, desde o pápa João XV, fim do seculo X, é a realisação de dois milagres, pelo menos, e estestes devem estar provados visto como a proposito veem de onde veem. O martirio da virgem de Orleans, que o rei Carlos VII não pretendeu evitar, já foi mesmo ele a prova de que os milagres eram tantos por parte da inspirada pastora de Greux, que os inglezes tiveram de martirizar, para que os milagres das vitorias não continuassem. Inspiradora, depois de martir, de tanta poesia e tanta lenda, ainda agora, no decurso da guerra, o seu nome foi invocado por militares herois de espirito religioso, que a guerra trouxe á superficie.

Raposições

A Republica saldou agora a divida contraida com o antigo e integro diretor da «Tutoria-da-infancia», o dr. Pedro de Castro, violentamente arredado do desempenho do cargo pelo sidonismo impenitente.

Usufruio-o ilegalmente um outro cidadão que para o substituir o sidonismo encontrou aprestado e diligente.

Então era o dr. Castro quem, por ser republicano intransigente, não gosava da confiança dos dônos da situação. Agora não póde merecê-la a nenhum republicano o encontrado do sidonismo.

Era uma reparação que se impunha e que finalmente se déra.

Ainda não foi restituido ao seu logar de escrivão de direito em Vagos o dedicado republicano Artur Sampaio, abrutamente arredado dali pelos sidonios. E' necessario que a reposição não se faça esperar.

Abastecimentos

Sabemos que o sr. dr. Brito Guimarães, atual ministro dos abastecimentos, ordenou a remessa de 10 vagons de milho para Aveiro, vindo cinco diretamente, de Lisbaa, e os restantes do Pórto, por intermedio do delegado daquele ministerio no norte.

Sua ex.ª conta com grandes carregamentos de milho africano depois do dia 20 do corrente, podendo então abastecer melhor o paiz.

Esta informação, que damos com sincero prazer, foi-nos pessoalmente prestada pelo sr. dr. Brito Guimarães, com quem ha dias nos encontrámos em Lisboa.

Da ação benefica e patriotica de sua ex.ª muito ha a esperar.

Fala o governo

A proclamação do governo a que no n.º passado aludiu o solicito correspondente do *Campeão* em Lisboa, e que foi aprovada em conselho de ministros na sua reunião da noite domingo para 2.ª feira ultima.

Publicada pelos jornais diarios logo em seguida, depressa se tornou conhecida em todo o paiz. Nós fazemos tambem a sua transcrição porque é um documento historico de valor que se torna necessario registar:

«O governo assumiu o poder numa hora cuja gravidade se impõe a todos os espiritos.

A situação creada pelo acto revolucionario de 5 de dezembro, liquidou na insurreição monarquica; e ao governo incumbe, não apenas a punição dos delinquentes, mas a resolução dos problemas sociais e economicos que assoberbam os governantes de todo o mundo e uma obra de politica interna que, visando essencialmente a defeza da Republica, nem por isso deve deixar de sêr inspirada num sentimento de tolerancia e até de bondade, que é o principal apanagio do carater portuguez. E' uma tarefa imensa.

Para levar a cabo essa tarefa, que lhe marcou a opinião republicana, o governo tem apenas deante de si alguns dias, e com a precipitação do seu procedimento poderia acarretar á nação males irreparaveis, o governo tem de cercar todos os seus actos de cautelas e cuidados que o obrigam a profundo estudo dos assuntos e das circunstancias.

Os homens que constituem o governo não aceitaram os cargos para satisfação de vaidades mesquinhas e muito menos para retaliações odiosas. Eles sabem muito bem que a conjuntura não é propicia ao gôzo comedido do poder. Só o infinito amor que teem á sua patria e a sólida convicção que inteiramente os possue de que os destinos do paiz estão confundidos com a marcha da Republica; só a inabalavel fé que teem nas virtudes da Democracia e a intima solidariedade que os une ao povo, podiam leva-los a esse sacrificio voluntario.

Esperam, por isso, que todas as energias republicanas se conjuguem á volta do governo para a necessaria obra de pacificação da Republica e que todos os portuguezes amparem o governo, com os seus braços e os seus conselhos, para a altissima obra de avigoramento nacional.

Esperam, por isso, que todas as forças organisadas da Republica se mantenham de fórma que todos os republicanos, fóra ou dentro dos partidos, se curvem á ação do governo, olhos postos, com os dos homens que o formam, nos altos destinos da Patria e da Republica.

A uma melindrosa situação externa sobrepõem-se as responsabilidades que pesam sobre o governo, por sêr esta a hora solene em que se vai celebrar a paz.

E' absolutamente indispensavel que, nesta hora ao menos, todos os portuguezes saibam calar as suas ambições, confiem na ação da justiça e depuração que compete ao governo e dêem ao mundo a certeza de que é perfeita a unidade nacional e de que este grande pequeno povo tem direito ao seu logar entre povos civilisados.

Conscio dessa responsabilidade, o governo vai antecipar o acto eleitoral, para que, se houver necessidade de ratificar, em breve tempo, os perliminares da paz, o Estado tendo a funcionar todos os seus orgãos no parlamento, representando insofismavelmente a vontade da nação, possa, ratificando a paz, prestar a merecida homenagem ao nosso heroico exercito de terra e mar, que na França e na Africa conquistou para a Historia nacional novos e imorredoiros trofeus de gloria.

Entretanto, o governo fará um rapido saneamento da Republica, embora não saindo jámais da justa medida da defeza, acarretando orgulhosamente com o odioso que porventura essa missão importe; e, cuidando zelosamente da administração publica, procurará efetivar as medidas necessarias para o aproveitamento das riquezas naturais, do desenvolvimento da produção, para o barateamento das subsistencias, para a proteção aos operarios e para a assistencia ás classes mais favorecidas.

Ao governo chegam na propria hora em que tomou conta do poder rumores de que conspiradores profissionais e impertinentes tramam na sombra perturbações da ordem publica. O governo em caso algum cometerá excessos, porque sabe o que deve á dignidade da Republica, á dignidade do poder e á dignidade pessoal de cada um dos seus membros; mas se qualquer motim ou tentativa de rebelião se produzir, o governo, com o apoio de todos os bons e leais portuguezes, porá a mais implacavel repressão, empregando todos os meios legitimos.

O governo lança, pois, a todos os camtos do paiz o pregão da ordem e da paz, esperando que todos os portuguezes confiem na sua ação republicana e na sua obra nacional.

Quando o governo depuzér, na proxima sessão do parlamento, o seu mandato, julgar-se-ha satisfeito se de seu sacrificio algum bem houver resultado para a Patria e para a Republica.»

Ainda a distinção da Torre e Espada conferida á cidade de Aveiro

A resposta da Camara municipal á saudação do sr. dr. Barbosa de Magalhães:

«Ex.mo sr. dr. Barbosa de Magalhães.—Lisboa—Aveiro, 2 de abril de 1919.—Venho agradecer a v. ex.ª a felicitação que se dignou dirigir-me, e á cidade, que dela teve conhecimento, e que com ela se honrou, pois vem dum aveirense ilustre, com serviços de valia á terra que lhe foi bêrço, no momento em que essa terra se sente em verdade desvanecida pelo merecido preito que o governo da Republica acaba de conferir-lhe.

Em nome, pois, desta cidade, da coletividade a que presido e em meu nome pessoal, cumpro o gratissimo dever de apresentar a v. ex.ª os protestos da nossa gratidão.

Aveiro orgulha-se de haver concorrido pela forma porque concorreu pára a reimplantação do regimen republicano no paiz, acrescentando os seus titulos de gloria, dos quais não são menores aqueles que a enobrecem pelos brazões de actos e serviços de tantos dos seus filhos, de cujo numero v. ex.ª faz honrosa parte. Saude e fraternidade.—O Presidente da Comissão administrativa, *Lourenço Peixinho.*»

Tambem a Camara municipal de Ilhavo felicita a cidade por intermedio dos seus legitimos representantes:

«Ao ex.mo presidente da Comissão administrativa da Camara municipal de Aveiro.—Tendo a Comissão administrativa da minha presidencia tido conhecimento do merecido galardão que sua ex.ª o presidente da Republica acaba de conceder a essa cidade, agraciando-a com o grau de oficial da ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, pelo seu acendrado patriotismo na defeza da Republica, a Comissão administrativa a que presido resolveu lançar na acta um voto de congratulação por essa justa homenagem conferida, e encarrega-me de o transmitir a v. ex.ª como digno representante desse municipio, dever que gostosamente cumpro, saudando em v. ex.ª os heroicos e intrepidos habitantes dessa cidade, cujas tradições liberais já eram sobejamente conhecidas e imortalisadas pelo grande tribuno, filho dessa terra, José Estevam Coelho de Magalhães, o conhecido paladino das liberdades. Saude e fraternidade.—Ilhavo, 1 de abril de 1910.—O presidente da Camara, *Mario Sacramento Melo.*»

Carteira de apontamentos

Festas de familia:

Fazem hoje anos: a sr.ª D. Adelina Soares Cibrão e Garção.

Amanhã, a sr.ª D. Maria Luiza Pessôa.

Alem, o sr. Evaristo Correia da Rocha.

Depois, as sr.as D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto, D. Clotilde da Cunha Santiago e D. Beatriz Braz Frade.

Em 16, a sr.ª D. Lodovina Rosa Sertã de Oliveira.

Em 17, as sr.as D. Catarina Amelia de Vasconcelos de Azevedo e Silva, D. Elisa Leão e D. Maria José de Oliveira Pinto de Souza.

Em 18, as sr.as D. Cidalia Estela de Castro Machado e D. Margarida Almeida de Vilhena Torres.

Visitas:

Vimos nestes dias em Aveiro os srs. dr. Agostinho Fontes, Manuel Maria da Conceição, dr. Ferreira Diogo, Antonio Augusto Fernandes Gomes, José Pereira Móia, Vicente Cruz, Albino Rebêlo Sebolão e filho, Manuel Maria Barbosa.

Os que chegam:

Regressou do Brazil o sr. Francisco Marques Teixeira, da Povoa.

◆ Da Africa regressou tambem o sr. Joaquim Marques Correia, de S. Tiago.

◆ Vindo de França, onde os seus serviços se assinalaram, como na Africa, regressou a Aveiro, ao seio da familia e dos amigos, que tantos sômos, o sr. dr. José Maria Soares, capitão-medico do exercito, a quem daqui cordealmente abraçamos.

◆ Regressou de Lisboa o sr. governador civil do distrito.

◆ Esteve ali o sr. Elio da Rocha Cunha.

Os que partem:

Depois duma curta demora em Aveiro, seguiram para Lisboa o sr. dr. José Lebre de Magalhães e sua esposa.

Movimento local

Anotações do passado (1917).—*Dia 12 de abril.*—Veem do Brazil e Africa mensagens telegraficas ao valoroso exercito portuguez pelo seu heroismo em França.

Dia 13.—O tempo melhora, mas o vento norte arrefece imenso a temperatura.

Dia 14.—Vem a Fiães, de visita ao dr. Afonso Costa, o nosso querido amigo, dr. Barbosa de Magalhães, que no regresso descança em Aveiro, onde é muito cumprimentado.

Resolve-se a realisação dum comicio de propaganda para o proximo domingo, comicio em que devem falar os srs. dr. Barbosa de Magalhães pelos democraticos; dr. Francisco Couceiro pelos evolucionistas, e dr. Brito Guimarães pelos unionistas.

Dia 15 —Trabalha-se ativamente, na Secretaria municipal, para completar a tempo o recenseamento eleitoral deste ano

Dia 16—Veem noticias de alguns oficiais que no *front* portuguez se expozeram, mas faltam informes de outros.

Dia 17.—Os marnotos renovam os preparativos para a proxima *safra* do sal.

Dia 18.—A Camara resolve vender os materiais do *Mercado Manuel Firmino,* edificando outro a que conservará o nome e onde lhe colocará o medalhão em bronze que este tem.

Serviços militares. — Foi nomeado adido militar em Pariz o major de estado-maior nosso presado amigo, sr. Vitorino Henriques Godinho.

Foi colocado no comando da secção de animais e veiculos, com séde no Porto, o tenente coronel de cavalaria, sr. Carlos Guimarães.

O capitão de estado-maior, sr. Oliveira Simões, foi nomeado adjunto do gabinete do sr. ministro da guerra.

Foi nomeado comandante da escola de tiro de infantaria o tenente-coronel, sr. Oliveira Gomes.

A fim de comemorar o 9.º aniversario da proclamação da Republica, o sr. ministro da guerra determinou a realisação, em outubro do corrente ano, de um concurso internacional de tiro, para o que vão ser convidadas as delegações militares dos paizes aliados.

A comissão encarregada de propôr o aumento a fazer nos soldos de oficiais e sargentos do exercito, entregou já ao sr. ministro da guerra o respetivo trabalho, no qual é atendida, na medida do possivel, a melhoria dos vencimentos de cada um.

Boletim oficial.—O inspector das alfandegas no norte, sr. Raul Famagnini Barbosa, foi nomeado chefe da 3.ª repartição e director da alfandega do Porto.

Cordealmente o felicitamos.

Pela imprensa. — Vizeu tem agora o seu jornal republicano: o *Noticias de Vizeu,* propriedade da «Organisação republicana da Beira», que ali começou a publicar-se que e tem a direcção do sr. José Julio Cesar e a colaboração dos srs. drs. Afonso de Melo, Marques Loureiro, etc.

Muitas felicidades desejamos ao novo colega.

Estradas. — Continuam em pessimo estado as estradas e caminhos publicos.

O inverno tem-se feito sentir sobre elas com uma insistencia pasmosa, abrindo largas brechas em algumas. A que daqui conduz ao Farol foi até coberta pelas aguas da ria.

O sr. ministro do comercio autorisou o estudo da estrada que, partindo da Ponte das Tres-estradas, vai ligar á estrada da Chamusca no concelho de Oliveira do Hospital.

Estiveram em Lisboa varios representantes das Comissões administrativas das Juntas-gerais dos distritos solicitando se lhes faça a entrega das estradas distritais e que passem para o orçamento daquelas entidades as verbas votadas no orçamento geral do Estado para conservação das referidas estradas.

Os representantes da de Aveiro solicitaram mais do presidente do ministerio a creação de uma companhia da guarda republicana entre nós.

Curso juridico de 1899-1900.—O curso de 1899-1900 deve reunir-se no proximo mez de maio em Coimbra, talvez a 15, devendo os condiscipulos mandar as suas adesões para o escritorio do sr. dr. Barbosa de Magalhães, rua de S. Nicolau, n.º 102, 2.º. Fazem parte deste curso, alem do sr. dr. Barbosa de Magalhães, os srs. drs. Pedro Martins, Sa e Oliveira, Mario Calisto, Francisco Mendonça, Godinho do Amaral, etc.

Consumo de carnes.—A cidade consumiu durante o mez de março findo 18:29 quilos de carnes verdes, produzidas pelo abatimento de 94 bois e 2 vitelas com o pêzo de 17:843 quilos; e 16 carneiros com o de 188.

"A Seguradora,,. — Esteve ha dias nesta cidade o sr. Antonio Carvalhal, inspector desta nova companhia, com séde no Porto, que efectua seguros contra todos os riscos, a premios modicos, como sejam seguros de fogo, maritimos, rendas de casas, roubo, greves, tumultos populares, etc., com um capital social de 500:000$00 escudos, estando já realisados 250:000$00.

A Seguradora, embora nova ainda, pela sua provada competencia e magnifica administração tem deante de si um largo futuro, ou sejam as melhores garantias de estabilidade e solidez.

La Fontaine, disse: «Um centavo quando seguro a tempo, vale mais que cinco em prespectiva». Por isso mesmo recomendamos aos leitores a *Seguradora,* que é uma companhia de credito. E' seu representante nesta cidade o sr. Victor Coelho da Silva, proprietario da «Chapelaria-aveirense».

A "Mundial,,. — Chamamos a atenção do leitor para o anuncio que na secção respetiva e sob a epigrafe desta acreditada companhia seguradora, publicamos hoje.

A *Mundial* é de todas as grandes companhias a que maiores vantagens oferece aos segurados, pois aceita, a insignificante premio, o seguro contra todos os riscos, incluindo o do roubo, o da guerra, o do tumulto, etc. etc. As suas vantagens são superiores ás de todas e quaisquer outras companhias nacionais e estrangeiras.

COBRANÇA DE ASSINATURAS.—São prevenidos os nossos estimados assinantes de que foram enviados para o correio os recibos das suas assinaturas.

A bem dos serviços da administração, rogamos-lhes satisfaçam as respectivas importancias no acto da apresentação dos recibos, a fim de se evitar a devolução dos mesmos, que representa um prejuizo grave para o jornal.

Notas finais.—A Camara resolveu suspender a postura que permitia a exposição á venda, fóra de portas, de artigos de comercio.

Estava-se abusando muito de essa antiga concessão, e ruas havia onde os mostruarios ocupavam um grande espaço. Foi bem entendido.

Traz-nos o correio desta manhã algumas correspondencias a que já não podemos dar logar neste numero: uma da Mealhada e outra de Alquerubim, bem como a do nosso solicito correspondente de Lisboa. As duas primeiras serão publicadas no primeiro sabado, e que os seus autores nos relevem a demora em atenção á impossibilidade de as incluir a tais horas.

Rui da Cunha e Costa
advogado
R. Manuel Firmino, 5—Aveiro

Brados á Primavera

Ai!... não tardes, oh vem pressurosa,
casta mãe dos effluvios divinos,
vem trazer-nos, com mão dadivosa,
teus encantos, teus dôces mil hymnos.

Vem, que as veigas, por ti suspirosas,
já não impam d'imensa paisagem,
que o seu brilho—essas flôres e rosas
tudo o inverno sumiu na voragem.

Vem, que as varzeas se sentem tranzidas
—na fallencia de fausto e verdor,
do regelo e das neves tão f'ridas
que de Phebo reclamam ofulgor

O pomar e vergel resequidos,
que nos deixam tão crua saudade,
como é triste hoje ve-los dispidos,
só do tempo ao rigor da impiedade!...

Mesmo os bosques tambem sem verdura,
sem a espessa folhagem d'outr'ora,
quanto custa assim ver a natura
desprovida dos mimos de Flora!...

No deserto—na immensa soidão,
onde livres as aves cantavam,
ressoando por toda a amplidão
seus idyllios que amor requestavam,

Já não vejo as gentis filomelas,
já não ouço o seu dôce trinado,
o mais dôce entre as aves mais bellas,
d'entre todas—o mais afinado!

No deserto—o harém favorito
aos idylios do amor marital,
passa o sôpro gelado, maldito,
sobr'as plantas—o atróz vendaval

Quantas luctas intensas, acêsas,
até aqui se não viu perpassar!
—Tempestades, medonhas surprezas,
que, a miudo, nos vinham assustar.

Quantas vezes, de susto, eu tremia!
e o ceu com que olhar o fitava!
Oh! a prece que a Deus dirigia,
bem decerto, o Céu m'a escutava!

Para longe, bem longe a impressão
d'esses dias d'amarga atrophia.
Surja a florea e jocunda estação
que na terra difunda a alegria!

Ai!... não tardes, oh vem pressurosa,
casta mãe, que consolos só gera,
vem trazer-nos, com mão dadivosa,
teus encantos, oh vem, Primavera!

Por ti brada o cantor sem rival,
embrenhado no bosque e na selva,
que não 'spalha a harmonia no vale,
sem que esparjas teus dons sobre a relva.

Alvarenga, março de 1919.

A de Noronha.

O CAMPEÃO nas provincias

Ilhavo, 10.—Numa levada, no limite desta vila, foi ha dias encontrada uma criança recem-nascida do sexo masculino, tendo uma corda atáda ao tronco e uma pedra na outra extremidade da corda. Que deshumanidade!

Ovar, 12. — Desapareceu de casa João Maria Mataria, mais conhecido pelo *Charneira,* de cêrca de 45 anos, casado e com 5 filhos menores, sendo mais tarde encontrado morto no logar do Sobral, no pinhal pertencente ao *Sizudo,* deitado sobre o lado direito e conservando ainda na mão um pequeno canivete ordinario, aberto, com o que, segundo parece, se suicidou, vibrando dois grandes golpes no pescoço, a ponto de ficar com a carotida cortada.

Causa extranheza que um canivete ordinario pudesse produzir tais ferimentos, pelo que se admite a ideia de ter havido crime, não obstante ser um pobre diabo inofensivo, que vivia miseravelmente com a familia, mas incapaz de roubar ou mesmo de pedir esmola. De verão ocupava-se na pesca, e de inverno andava ás pinhas, com a venda das quais arranjava para ir mitigando a fome.

Os mortos

Manuel Maria Amador

Rudemente atingido por uma pertinaz enfermidade, faleceu ha dias, na sua casa de Alquerubim, o sr. Manuel Maria Amador, ativo chefe de conservação de obras publicas e um dos mais populares e apreciados cidadãos do nosso distrito.

Conhecido em toda a paate, cultivava relações com as personalidades de maior destaque na sociedade, assim na politica como fóra dela, apesar de nunca haver sido politico, no comercio, na borocracia, na industria, na agricultura, e até mesmo na imprensa.

Foi um cidadão prestante e um amigo leal e desinteressado do seu amigo, que os tinha em grande numero e por todos os recantos do paiz.

Ha, do falecido, a lembrança mais lisongeira. Nunca o seu braço se cançou, nem a sua atividade dos verdes anos a desvaneceram os proprios dias da doença incuravel que o prostrou. Aparecia em toda a parte onde julgava indispensavel a sua presença para levar linitivo a uma dôr ou prestar o culto da sua homenagem a qualquer personalidade em evidencia, prestando sempre o seu concurso valioso ás iniciativas de utilidade.

A viação distrital deve-lhe serviços, e a sua falta, muito sentida já durante os largos dias do cativeiro em que o retêve a sua prolongada doença, mais sensivel se tornará daqui em deante.

Não tem quem o substitua. E' um logar que ficará por muito tempo vago.

O falecido era sôgro do nosso amigo e considerado comerciante portuense, sr. David José de Pinho, a quem, como a sua esposa e filhos, e assim aos srs. Antonio Augusto e João Maria Amador, seus irmãos, daqui acompanhamos no seu desgosto.

A'cêrca do funeral do extinto, temos em nosso poder uma correspondencia daquela localidade a que no proximo n.º daremos publicação.

Novas edições

Junta patriotica do Norte.—Esta prestante coletividade acaba de lançar a publico um opusculo de propaganda, que o é da sua obra potriotica e ao mesmo tempo de Portugal, opusculo que, sendo materialmente uma publicação esmerada, relata em varias linguas as suas funções e a sua modelar obra de assistencia aos filhos dos soldados portuguezes orfãos de guerra.

E' profusamente ilustrada, em edição de luxo, com vinhetas inspiradas na sua divisa «Pela Patria e por Bem», deve merecer do publico um feliz aco-

lhimento. A Junta dá nele noticia das quantias enviadas como louvor pela sua obra.

E' uma publicação digna de logar especial na estante do colecionador. Agradecemos reconhecidos o exemplar que nos chegou.

Sob o titulo de *Quem são os assassinos do dr. Sidonio Pais*, publicou o antigo inspector de policia de investigação criminal em Coimbra, sr. Eurico de Campos, uma brochura de perto de cincoenta paginas, que acabamos de lêr

E' uma mão cheia de revelações sensacionais, tendentes á demonstração de que, só aos monarquicos convindo o assassinio do chefe da sedição de 5 de dezembro, só a eles pertence a responsabilidade do crime.

O auctor do folheto afirma, e a sua qualidade de funcionario daquela categoria autentica a afirmação, que Solari Alegro e Alvaro de Mendonça conheciam da existencia do *complot* e a não evitaram por que não quizeram. Ele proprio, o sr. Eurico de Campos, se exforçou na medida do possivel para se aproximar dos governantes de então, que o não receberam nem jamais acusaram a receção dos seus avisos, para lhes fazer vêr que se tramava contra a existencia desse cidadão.

De dedução em dedução, num estilo amplo de quem quer fazer luz sobre o atentado cometido, o sr. Eurico de Campos chega á conclusão, que é hoje convicção de toda a gente, de que a morte de Sidonio Pais foi um trama monarquico, maduramente reflexionado para mais facilmente se restaurar a monarquia.

O folheto é edição da conhecida livraria conimbricense «França Amado», e tem a grande oportunidade do momento, devendo esgotar-se rapidamente.

Diario *do Junta governativa do norte* é como se intitula um oposculo recentemente publicado pelo editor, sr. J. Pereira da Silva, Loios, 33, ou seja a coleção da celebre folha oficial do governo realista do Porto.

A edição, que é nitida, insere a coleção completa dos tais *diarios*, do n.º 1 a 16, em reprodução zincografica, e constitue um documento historico de valor.

Agradecemos a oferta e recomendamos a sua aquisição aos colecionadores de curiosidades historicas-bibliograficas.

Sob o titulo de *Estava escrito*, publicou ultimamente o sr. José Hermida um original teatral em 1 acto, com 7 transformações e 13 numeros de musica.

A peça, que é ligeira, foi posta em scêna pela sr.ª D. Evangelina Pereira Bastos, graciosa interprete dos trez unicos personagens dela, com aplausos bem empregados não só pelo desempenho, mas pelas engraçadas situações de que o auctor prubilhou o seu trabalho.

Os conhecidos horticultores portuenses, srs. Moreira da Silva & filhos, justamente considerados os mais activos do paiz, acabam de distribuir o seu catalogo n.º 28, respeitante a rozeiras em vaso, crisantemos, craveiros, dálias e sementes de flores.

E' uma interessante e seleta escola daqueles novidades, que se notabilisa pelas novidades que aponta.

O folheto excita o apetite e completa a curiosidade dos amadores

A «Caixa-economica de Aveiro» publicou já o relatorio da sua gerencia de 918.

Como nos anos anteriores, este acreditado estabelecimento divide dos seus lucros pela Santa-casa de Misericordia, pelo Monte-pio-aveirense e pelos pobres, sendo digno de registo o modo por que a sua direção se conduziu, lealmente auxiliada pelo excelente pessoal que tem.

Alberto Souto
Advogado
Aveiro

Abriu o seu escritorio, junto á Praça do Comercio, aos Arcos, onde pode ser procurado todos os dias uteis, exceto sabados, das 12 ás 16 horas. Na sua rezidencia, Quinta do Forte — Bonsucesso — das 9 ás 10 horas.

Medicar-se demais faz mal

Longe de afugentar a doença, o abuso dos medicamentos dá em resultado o tornar uma saude sofrivel uma saude má a valer. Compenetremo-nos bem da seguinte ideia:—que em todas as circunstancias, o melhor é optar pela simplicidade dos meios que se hão-de empregar. E, pelo que á saude diz respeito em particular, quer se trate de a conservar, quer de a restabelecer, os processos mais simples são sempre os melhores.

De que depende, na realidade, a saude, isto é, o equilibrio fisico? Unicamente da riqueza, da pureza do sangue, e do bom estado do sistema nervoso, visto que o sangue e os nervos são, até certo ponto, a fonte e origem das nossas forças vitais. Procuremos manter, portanto, regularmente a riqueza e pureza do nosso sangue e a resistencia do nosso sistema nervoso que, sob a influencia das intemperies, das mudanças de estações, da fadiga á sobreposse, dos desgostos, cuidados, etc., acabam por afrouxar e diminuir. Podemos conseguil-o facilmente, sem incomodos, sem grande despeza, e sobretudo,—o que é importante,—sem fatigar o organismo, tomando em tempo oportuno, por exemplo, na mudança das estações, e por ocasião de fadigas persistentes, algumas caixas de Pilulas Pink. Estas pilulas, que se encontram á venda em todas as farmacias e drogarias, possuem em altissimo grau as tres propriedades que bastam para restabelecer as sandes mais comprometidas: regeneram o sangue, tonificam os nervos, estimulam as funções organicas, principalmente as do estomago. As Pilulas Pink são, por outro lado, prescritas, em razão da sua poderosa acção sobre o sangue e sobre os nervos, para o tratamento da anemia, da neurasthenia, do reumatismo, etc.,—numa palavra, em todos os casos de empobrecimento do sangue e de enfraquecimento do sistema nervoso.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 900 reis a caixa, 5$000 reis as 6 caixas, Deposito geral: J. P. Bastos e c.ª, Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa.

CRÈME SIMON
Sem prenome

TODOS os dias se veem aparecer novos especificos para a pele; são quasi todos falsos. Só o *Créme Simon* dá côr e beleza naturais. E' vendido ha 50 anos em todo o universo apesar das contrafações. O *pó de arroz* e o *sabão Simon* completam os efeitos higienicos do Créme. **Grande marca franceza.**

Nos campos e nas eiras

O estrume das aves

Por ignorancia, o nosso lavrador não sabe, geralmente, tirar o devido proveito do escremento das aves nas culturas.

Contam-se os lavradores que façam rapar as suas capoeiras e que guardem com os devidos cuidados o escremento das aves para servir de estrume.

Pois é pena que assim procedam, porque perdem um adubo de ação rapida e muito eficaz.

Sucede, porem, que esse adubo está sujeito a fermentar activamente, se ficar exposto ao ar e, durante a fermentação, perde-se rapidamente muito azote gazoso em estado amoniacal, que deveria guardar-se para sêr aproveitado pelas plantas.

E' preciso, portanto, evitar todas essas perdas, que muito prejudicam o lavrador.

Nada mais facil: basta misturar o escremento das aves, quando se apanha nas capoeiras, com qualquer coisa que seja absorvente, como serrim de madeira, gêsso, casca de carvalho depois de servir para curtir couros, e terriço.

Essas materias fazem secar o escremento das aves concorrendo para que fermente e para que conserve, pelo menos, durante algum tempo, os tais gazes que, de outro modo, poderiam desaparecer.

Tambem ha quem faça secar rapidamente os escrementos das aves, estendendo-os, em camada muito delgada, numa eira bem plana e seca, pondo um pequeno abrigo de rama de arvores ou outra coisa, para o sol não aquecer demais o escremento, activando a fermentação dele, e para lhe cair chuva que levaria os melhores principios soluveis que o adubo contivesse.

Póde tambem arranjar-se um bom adubo misturando escremento puro das aves com terra, na proporção de duas partes, uma de escremento e uma de terra, e, empilhando o estrume assim preparado em camadas, uma de terra e outra de estrume, em sitio abrigado do sol e da chuva.

Como se vê, a preparação do estrume de aves é tão simples que faz pena ver o modo como os lavradores cuidam pouco dele.

Vale, pois, muito o fazer aproveita-lo nas capoeiras; mas fique-se sabendo que não póde passar diretamente da capoeira para a terra: deve ser preparado como acima se diz.

Benta Carqueja

SABONETE VIZELLA
O melhor e mais higienico
Contra as doenças da pele.—Perfume e saude

O porco

A criação do porco data do alvorecer da humanidade.

As mais antigas ossadas de animais descobertos nas estações pre-historicas, são de porcos.

No ponto de vista industrial pode considerar-se o porco como uma maquina maravilhosa, destinada a transformar em substancias alimenticias toda a casta de espurcicias.

As lavagens, os residuos industriais e detritos de qualquer natureza, e que nenhum animal aceitaria, acolhe-os o porco, come-os, devora-os e utiliza-os com um poder inigualavel.

Durante largo tempo a carne de porco era a unica que se conhecia nos centros povoados; e foi por ela que começou a venda de carne nos açougues.

E sob o ponto de vista culinário, o porco foi o precursor do boi e do carneiro.

De todos os animais domesticos que a industria agricola explora, é o porco o unico que preenche uma unica função economica, a produção da carne. Os outros animais, ainda vivos, teem outras utilidades ou produzem trabalhos diversos antes de serem sacrificados. O boi e o cavalo produzem trabalho; a vaca, a ovelha e a cabra. dão leite; a ovelha e o carneiro dão lã; o coelho, da raça Angora, fornece um pelo de valor; as aves fornecem ovos e penas.

De todos esses animais se aproveitam os dejectos para estrume. O porco, a não ser tambem os dejectos para estrume, não dá em vida qualquer outro produto. Regra geral, o porco é unicamente um produtor de carne.

Se a função do porco é produzir carne, fornece-a em tão elevado grau, que nenhum outro animal axiste que o iguale nessa função.

Outro tanto acontece com a produção da gordura. Impregna-se dela de tal modo, que constitue uma seria dificuldade para os preparadores de peças esteologicas pelas dificuldades com que tropeçam para desengordurar o esqueleto do cevado.

Mas, em compensação, esta produção de gordura atinge ás vezes tal grau de preeminencia, que atrofia a produção dos musculos. Não se encontram mais que tenues fibras de carne no meio de uma massa de sebo.

Na economia domestica conserva-se a carne de porco, salgando-a. E' deste modo que se obteem os presuntos e o toucinho curado ou fumado. Para este efeito deve o porco estar relativamente magro. Nos porcos muito gordos, como são em geral os *cevados* e especialmente os de certas castas, como por exemplo a do Alentejo, o toucinho perde tanto em consistencia, quanto quanto ganha em quantidade; falta-lhe consistencia, o sal não se impregna bem, e o ranço produz-se com maior facilidade. Alem disso na coação os pedaços fundem-se de tal modo, que apenas restam pequenos fragmentos sólidos.

Para o consumo da carne fresca, e especialmente para os artigos que se vendem nos *toucinheiros* ou mercearias, são preferidos os porcos bem gordos.

Em artigos subsequentes continuaremos tratando da exploração deste animal, cuja importancia comercial e na economia domestica é ocioso acentuar,

Juizo de direito da comarca DE Aveiro

ANUNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

POR este Juizo e pelo cartorio do escrivão do quarto oficio, Flamengo, se processam e correm seus devidos e legais termos uns autos de inventario orfanologico a que neste juizo e pelo referido cartorio se procede por falecimento do padre Domingos Ferreira Jorge, solteiro, que foi morador em Ilhavo, desta comarca, e em que é inventariante o cabeça de casal Manuel da Rocha Braz, solteiro, proprietario, residente no mesmo logar.

E, nos mesmos autos, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação de este no respectivo jornal, chamando e citando o interessado José Ferreira Jorge, solteiro, ausente em parte incerta, filho do falecido irmão paterno do inventariado Manuel Ferreira Jorge, para assistir a todos os termos até final do referido inventario e nele deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 23 de janeiro de 1919.

Verifiquei:

O Juiz de direito,

Pereira Zagalo.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo

VIDEIRAS AMERICANAS barbados e enxertos de castas mais resistentes e produtivas. Qualidades garantidas. Enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho, AVEIRO—Requeixo.

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmaci

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tonica reconstituinte, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA.

SERÕES

(275)

Penhor materno

DECIMA QUINTA PARTE

TRADUÇÃO DE **JOSÉ BEIRÃO**

O ramo de Oliveira

VIII

Vão-se reunindo os nossos personagens

— Tua mãe, que era um anjo, se vivesse, aconselhar-te-ía o perdão.

— Sim, sim, porque não sabia senão perdoar e sofrer. Mas ainda me resta esgotar o calix da amargura, ainda não conclui a leitura do manuscrito de minha mãe, o qual veio ao meu poder para eu arrancar a mascara aos culpados.

— Lembra-te, Daniel que o homem mais culpado, aquele que mais atormentou o coração de tua boa mãe, é o general Lostan... e esse é teu pai.

— Ah! pois se não fosse meu pai, se Clotilde não fosse sua filha, imaginas que viveria ainda esse homem?...

Daniel rangeu os dentes acrescentando:

— Apesar de bastante novo, não desconheço o sacrificio que me devo impôr. E' preciso salvar Clotilde, salvala-hei ainda que tenha...

Daniel deteve-se.

Um grito que o general acabava de soltar afogou-lhe a palavra na garganta.

Clotilde correu á alcova, e Daniel e Julio seguiram-na.

IX

Um anjo junto do enfermo

O que o general mais necessitava depois de recebidos os socorros da medecina, era o repouso. Com quanto os medicos não desesperassem de salva-lo, ainda assim era bastante grave a paralisia da lingua e o estado moral do enfermo.

Se aquele homem podesse falar, desculpar-se para com seus filhos, pedir-lhes perdão, conversar com eles, o seu coração, cheio de remorsos experimentaria algum alivio. Mas não podia proferir nem uma palavra, e, para maior tormento, ouvia tudo que diziam, ainda que um pouco confusamente, por causa das excessivas dôres de cabeça.

Os olhos do enfermo tinham uma lucidez, uma eloquencia, por assim dizer, pasmosa. Como que se lhe adivinhavam nos olhares as palavras que não podia articular.

Compreendendo o estado nervoso do general, o dr. Samuel fez sinal para que todos saissem do quarto; mas vendo que Clotilde se conservava imovel junto ao leito, disse-lhe em voz baixa:

— Preciso falar-lhe, venha comigo.

Clotilde saiu atraz do dr. Samuel.

— O nosso doente, disse-lhe ele, precisa duma voz carinhosa que lhe tranquilise o espirito agitado, e só a menina lhe póde prestar alguma consolação.

— Ah, doutor, amo meu pai o mais que é possivel, e bem sabe Deus que daria até a vida para o salvar, exclamou Clotilde.

— Não é necessario tanto.

— Que devo fazer?

— Entrar sósinha na alcova, beija-lo carinhosamente e dizer-lhe: «Socega, meu querido pai; estás rodeado de bons amigos, dispostos a salvarem-te a vida e a honra, que tanto precisas. Não te sobreralte a ideia de que o teu segredo, por eu e Daniel o sabermos, vá tornar-se publico; não, amamos-te como bons filhos e muito presamos a tua reputação.»

— Sim, sim, bem compreendo o seu conselho, e hei de executa-lo cabalmente, verá. Que não farei eu para salvar meu pai?!

— Consiga tranquilisar-lhe o espirito, e respondo pela cura.

Clotilde entrou no quarto do enfermo.

— Deixemo-la só com o pai, disse o doutor a Julio e a Daniel, que estavam no extremo da casa. Clotilde é agora o melhor medico para o general.

E todos tres sairam do gabinete.

Quanto ao medico genebrez, como tinha de visitar os seus doentes, logo que o general recobrara os sentidos, pedira licença para se retirar.

Clotilde entrou na alcova, mas antes enxugou os olhos e diligenciou entreabrir um sorriso. O general fitou nela um olhar profundo. A bondosa menina acercou-se do leito, e pondo cariciosamente a mão sobre a fronte do general, disse-lhe com doçura:

— Meteste-me um grande susto, mas felizmente já passou, porque deixou de correr perigo a tua vida.

O general segurou numa das mãos as de sua filha e beijou-a repetidas vezes, chorando e soluçando.

— Não quero que chores, não quero que te aflijas, acudiu Clotilde. Para se completar o teu restabelecimento só faltam alguns dias de repouso, e teus filhos, que te amam muito, zangar-se-íam comtigo se não ajudasses a cura.

E como o general continuasse beijando sofregamente Clotilde, esta acrescentou:

(Continua.)

SEMENTEIRA

Um ramo de flôres

Escute: estava eu em Turim com a minha familia; tinha então sete anos. No penultimo dia de Carnaval minha mãe vestiu-me um bonito trajo de mascara todo de seda ás riscas azues e brancas com uma faixa encarnada, uma cabeleira de aneis loiros e um gorrosinho de veludo verde, e levou-me a ver as mascaras de carruagem. Levavamos muitos ramos de flôres e um grande açafate de confeitos. As ruas estavam atulhadas de gente; uma imensidade de carros e de mascaras muito bonitas, enorme movimento, grande barulho, muita animação. Minha mãe, conforme o seu costume, não tomava parte alguma na alegria da festa e quasi não dizia palavra. De tempos a tempos, quando passava a carruagem de algum amigo nosso, metia-me na mão um ramo de flôres e dizia-me que o atirasse, segurando-me pela faixa, não fosse eu, ao arremessá-lo, parar ao meio da rua. Os pequenos, que me conheciam, deitavam-me, em resposta, flôres e ramos, e diziam-me adeus, gritando e rindo do meu lindo vestuario; eu ria-me egualmente do seu, e divertiamo-nos assim a valer. Muito mais do que hoje (seja dito entre parentesis) por isso que então uma formosa mascara, languidamente reclinada no fundo de uma carruagem, ou um pésinho pequenino, delicado, a bambolear maliciosamente de fóra da portinhola, ou uma camisola de «debardeur» descaida de um lado não atraíam os nossos pensamentos, nem os nossos olhares, nem os nossos desejos.

— Isso não vem nada para o caso.

— Divertiam-nos. Houve, porem, uma ocasião em que eu, cançado de gritar e esbracejar, me sentei para tomar folego. Ao desembocar da rua do Pó, na praça do Castelo, estava uma fileira de soldados de cavalaria e de carabineiros, imoveis e graves como que se assistissem a um funeral. Olhavam, ora para as carruagens, ora para o povo, sem trocarem uma palavra, sem um sorriso, sem demonstrarem a menor curiosidade ou prazer, a menor zanga ou aborrecimento; pareciam automatos. A multidão apertava-os por todos os lados; das janelas, cheias de senhoras e de mascaras, atiravam confeitos e o mesmo era dos carros para as janelas e da rua para os carros; e a pequena distancia ouvia-se tocar a banda, abafada por um grande barulho de pandeiros e trombetas.

— Pobre gente! disse minha mãe ao major, apontando para os soldados.—Estes nunca faltam; aparecem em toda a parte. Tanto sofrem e tantos sacrificios fazem sem colherem o menor fruto, sem lhes darem em troca a minima compensação.

O major respondeu gravemente:—E' verdade.

— Se é!—acrescentou minha mãe. Olhe, major; ora olhe para aquele soldado, o primeiro a começar de cá Que aspecto melancolico!

Quem sabe se terá algum desgosto!

Não estará bom?

— Quem póde adivinhar!... respondeu o major.

— Sabe Deus o que ele terá! murmurou minha mãe. —E se tivesse uma pessôa de familia doente? Podia muito bem sêr. Nem os deixam ir a casa quando teem alguem da sua familia doente, não é verdade, major?

— Isso é dificil, respondeu este.

— Olhe!—exclamou minha mãe.—Era capaz de jurar que era por isso que ele está triste. E não obstante vê-se condenado a permanecer ali no meio de toda essa gente que se diverte... Não me póde saír da ideia.

O major sorriu-se.

— Então, que quer?—proseguiu minha mãe, se eu sou assim?

Depois de darmos a volta, a carruagem ía passar outra vez pela frente dos soldados. Minha mãe, aproveitando um momento em que o major nem meu pai olhavam, deu-me para a mão um pequeno ramo de flôres, indicou-me com um gesto rapido o tal solda-o, e disse-me ao ouvido:—Atira-lh'o.

O ramilhete descreveu no ar uma bela curva, e foi cair exatamente no peito do soldado, entre a fivela do cinturão e a mão que segurava as redeas.

O homem estremeceu, como se acordasse de um sonho, agarrou quasi involuntariamente no ramo, ergueu os olhos com surpreza, viu-me, saudeio-o com ambas as mãos, ele sorriu e seguiu-me fixamente com a vista até que a carruagem desapareceu.

Passados dez ou doze dias tornei a ver o soldado no passeio publico. Estava com muitos camaradas seus, e falava e ria com grande animação.

— Olhe o soldado do ramo!—disse eu a minha mãe, puxando-lhe pelo vestido.

— Cala-te—respondeu ela —não se olha.

Não compreendi o motivo desta recomendação; olhei para ele; fitou-me, reconheceu-me, fez um gesto de surpreza e exclamou:

— Oh!

Minha mãe puxou-me pelo braço e seguimos para diante. Depois desse dia estive um ano sem o tornar a vêr. No ano seguinte, numa das ultimas noite do Carnaval, tendo voltado do teatro com a familia, quando estava para me ir deitar, cheguei á janela e estive um pedaço a olhar para a rua por dentro dos vidros. Fazia escuro e nevava.

De vez em quando, da casa em frente, onde havia um café e uma taberna, saiam mascarados fazendo uma gritaria infanal em voz esganiçada. Nisto chegou uma patrulha de cavalaria. As mascaras começaram a dançar em volta dela, com muita vozearia e batendo as palmas.

Os soldados embuçados, nos seus grandes capotes, passavam, fazendo que as não víam. Um deles, porem, voltou-se para a nossa casa, e pareceu-me que olhava para a janela onde eu estava.

Continua

E. de Amicis.

Contra roubo, contra incendios, contra acidentes de trabalho, riscos de transportes, de seáras, de arvorêdos, de guerra, de tomultos, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS com séde em Lisboa, rua Garret, 95

CAPITAL 500.000$00 Escudos
Reservas em 1917 — 315.123$01,3

GRANDE ECONOMIA
Seguro de mobiliario
Por $20 por cada 100$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo, "A MUNDIAL„ segura numa só apolice os riscos de incendio e roubo. E' tão necessario o seguro de roubo como o de fogo.

SEGUROS contra os riscos de roubo, transportes terestres, maritimos e postais, de searas e arvorêdos, de guerra, gréves e tumultos, de fogo em predios, estabelecimentos, mobilias, acidentes de trabalho, etc. etc.

Correspondentes em todo o paiz
Em Aveiro, administração do "Campeão das Provincias„

CONFEITARIA MOURÃO, SUC.ra

TEM sempre á venda os mais finos dôces de ovos, especialidade da terra. Sortido variadissimo, para chá e sobremeza, numa escolha esmerada e abundante.

Encarrega-se de despachar nas melhores condições todas as encomendas e para todos os pontos do paiz, Africa e Brazil, onde tem os seus revendedores.

Descontos aos revendedores d'Ovos moles, em latas ou barricas de variados tamanhos. Mariscos da ria de Aveiro, em conserva. Saborosas enguias assadas á pescador.

Rua Coimbra — Aveiro

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1895
LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1915, ETC.

Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crônicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

A ELEGANTE
ESTAÇÃO DE VERÃO
Modas e confeções — Camisaria e gravataria
Pompeu da Costa Pereira
R. de José Estevam — R. Mendes Leite

RECEBEU já todo o sortido para a presente estação em artigos da mais alta novidade e apurado gôsto, importados directamente dos principais centros productores do estrangeiro, competindo com as casas de modas do Porto e Lisboa. — E'tamines, para vestido, grandioso sortimento desde $65 o metro. — Gabardines, em lindissimas côres, para vestidos, desde 2$00.—Cortes de bluza, em sêda crúa; Crépe Georgete, alta novidade. —Voiles, Gazes Crépes da China, Chifons, Moussines, etc., etc.

Especialidade em morins e estamparias para enxovais
Fazendas brancas — AVEIRO — Perfumarias

Chego do Porto

onde me sorti de fatos para inverno e de um bom sobretudo.

Fiquei admirado com o colossal sortimento de cazimiras chics e de bom agasalho que vi na Alfaiataria Elegancia Portuense, DE AMADEU & CARDOSO L.da na Rua Passos Manoel 142 a 154

Para casos urgentes, tem tambem esta caza uma seléta coleção de sobretudos feitos, irrepreensivelmente talhado se bem acabados, perfeitos modelos, a principiar em 25 escudos.

Não percam a ocasião de confrontarem...

"A Seguradora„
Companhia de seguros contra todos os riscos
S. A. R. L.

Capital social: Escudos 500:000$00
Capital realisado: » 250:000$00

Séde no Porto:—Rua das Flores, 118

Correspondente em Aveiro — Victor Coelho da Silva, *Chapelaria-aveirense*, rua Direita n.º 8.

O Inspector,
A. Carvalhal

ALZIRA PINHEIRO CHAVES Com atelier de chapeus para senhora e creanças, e artigos para os confecionar.

Sempre grandes novidades.—Rua Coimbra n.º 9.—AVEIRO

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o «Vinho nutritivo de carne» e a «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem, 147, Lisboa.